

Técnicas de comunicação aplicadas em oficinas de sensibilização para gestão ambiental, em comunidades ribeirinhas do Rio Madeira, Porto Velho-RO



ISSN 0103-9865
Outubro, 2005

*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro de Pesquisa Agroflorestal de Rondônia
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

Documentos 97

Técnicas de comunicação aplicadas em oficinas de sensibilização para gestão ambiental, em comunidades ribeirinhas do Rio Madeira, Porto Velho-RO

Vânia Beatriz Vasconcelos de Oliveira
Rosana Maria Passos Silva

Porto Velho, RO
2005

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

Embrapa Rondônia

BR 364 km 5,5, Caixa Postal 406, CEP 78900-970, Porto Velho, RO
Telefones: (69) 3222-0014/8489, 3225-9386, Fax: (69) 3222-0409
www.cpafrro.embrapa.br

Comitê de Publicações

Presidente: *Flávio de França Souza*

Secretária: *Marly de Souza Medeiros*

Membros:

Abadio Hermes Vieira

André Rostand Ramalho

Luciana Gatto Brito

Michelliny de Matos Bentes Gama

Vânia Beatriz Vasconcelos de Oliveira

Normalização: *Alexandre César Silva Marinho*

Editoração eletrônica: *Marly de Souza Medeiros*

Revisão gramatical: *Wilma Inês de França Araújo*

1ª edição

1ª impressão (2005): 100 exemplares

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

CIP-Brasil. Catalogação-na-publicação.
Embrapa Rondônia

Oliveira, Vânia Beatriz Vasconcelos de.

Técnicas de comunicação aplicadas em oficinas de sensibilização para gestão ambiental, em comunidades ribeirinhas do Rio Madeira, Porto Velho-RO / Vania Beatriz Vasconcelos de Oliveira e Rosana Maria Passos Silva. Porto Velho : Embrapa Rondônia, 2005.

21 p. – (Documentos / Embrapa Rondônia, ISSN 0103-9865 ; 97).

1. Gestão Ambiental – Dinâmica de grupo. I. Silva, Rosana Maria Passos. II. Embrapa Rondônia. III. Título. IV. Série.

CDD 333.7

© Embrapa - 2005

Autores

Vânia Beatriz Vasconcelos de Oliveira

Comunicóloga, M.Sc., Embrapa Rondônia, Caixa Postal, 406,
CEP 78.900-970, Porto Velho-RO.
E-mail: vania@cpafro.embrapa.br.

Rosana Maria Passos Silva

Eng. Pesca, Especialista em Extensão Rural , Empresa de Assistência
Técnica e extensão Rural de Rondônia – EMATER-RO, Av. Farquar,
Bairro Pedrinhas, Porto Velho, RO.

Sumário

Introdução.....	7
O contexto da elaboração e execução do projeto.....	8
As comunidades e seus conflitos socioambientais	9
Concepções teóricas e metodológicas	10
Dinâmicas de inclusão	11
Nos conhecendo	11
Qual é o meu sonho?.....	12
Viagem para o futuro.....	13
Considerações finais.....	15
Referências bibliográficas.....	16
Anexos	

Técnicas de comunicação aplicadas em oficinas de sensibilização para gestão ambiental, em comunidades ribeirinhas do Rio Madeira, Porto Velho-RO

*Vânia Beatriz Vasconcelos de Oliveira
Rosana Maria Passos Silva*

Introdução

A importância socioeconômica dos recursos agrofloretais e pesqueiros para as populações ribeirinhas da Região Amazônica e os problemas causados pelo descontrole na exploração dos referidos recursos, têm sido objeto de estudos e discussão por parte de instituições de pesquisa e órgãos gestores, na expectativa de implementação de uma política de desenvolvimento sustentável para o setor.

Em grande parte das comunidades ribeirinhas da Amazônia, o desmatamento e o aumento do esforço de pesca, têm implicado no surgimento de conflitos socioambientais decorrentes dessas atividades e conseqüentes impactos na produção agrícola/florestal/pesca extrativista. Diante disso, comunidades ribeirinhas da região vêm desenvolvendo sistemas coletivos de manejo comunitário dos recursos naturais, organizados a partir de movimentos locais, tanto formalmente, com a participação do governo, quanto fora do sistema formal de gestão. Estes, são caracterizados como reação à ausência de política governamental de gestão ambiental que atendam ao anseio dessas populações (PEREIRA; PINTO, 2003).

Segundo trabalhos organizados por Diegues (2000) a característica em comum desse tipo de iniciativa, geralmente denominada "manejo comunitário", é o estudo da realidade local, privilegiando o resgate do saber tradicional, o conhecimento das populações tradicionais, sejam os saberes herdados, sejam as observações do cotidiano, que podem contribuir para a gestão e manejo dos recursos naturais.

Experiências de trabalho nessa linha, são conhecidas em praticamente todas as unidades federativas da Região Amazônica. No Estado do Amapá, o trabalho organizado por Chagas (2002), registra os saberes "tucujus", sobre a realidade pesqueira do Estado. Já no Amazonas, foi desenvolvido, no período de 1991 a 1994, o Projeto Iara - Administração dos Recursos Pesqueiros do Médio Amazonas, executado pelo Ibama (NAHUM, 2000).

Em Rondônia, dentre as iniciativas mais conhecidas, está o Projeto Integrado de Pesquisa e Extensão para o desenvolvimento sustentável de populações tradicionais da Amazônia - Projeto Beradão, do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, em execução desde 2001 na região do Baixo Madeira (AMARAL; CALDAS, 2000). O Núcleo de Apoio a Populações Ribeirinhas da Amazônia -NAPRA, vinculado a Faculdade São Francisco, instituição de ensino privado do Estado de São Paulo, desde 1993 promove ações de saúde, educação e desenvolvimento sustentável para comunidades ribeirinhas, na região de São

Carlos e entorno, propiciando uma vivência em responsabilidade social na aplicação prática do conhecimento de estudantes universitários (NAPRA, 2005)

Em geral, as iniciativas que visam promover o desenvolvimento ordenado e sustentável dos recursos naturais de uma determinada comunidade, compreendem além do diagnóstico da realidade, aplicação de recursos para infra-estrutura, projetos de pesquisa, e promoção de eventos de capacitação (cursos, palestras, oficinas etc.). Nesse escopo, se enquadra a elaboração de planos de desenvolvimento sustentável de assentamentos, através do qual se exercita uma proposta construtivista de comunicação e educação, pelo uso de metodologias participativas, não como simples técnicas, mas visando proporcionar o empoderamento social dos agricultores assentados, num processo de planejamento do desenvolvimento local (OLIVEIRA et al, 2002, 2004).

Embora muitos trabalhos, nessa linha de atuação, façam referência ao uso de metodologias participativas, ainda são poucos os que analisam a interação dos conhecimentos tradicional e científico, como um processo construtivista. Acreditando na educação em outros espaços que não o da educação formal, o educador Paulo Freire ao colocar a questão *“extensão ou comunicação?”* (FREIRE, 1992), remete a reflexão sobre a importância da comunicação no processo de conhecimento. Entretanto, pode-se dizer que a proposta dialógica de Freire é muito mais estudada no meio acadêmico e aplicada na educação formal, do que no trabalho da ainda chamada *“extensão rural”*.

Albaladejo¹ (2000), a partir de projetos de gestão concertada de recursos naturais na Amazônia, discute o diálogo entre agricultores e agrônomos, como uma utopia necessária, e lança interrogações sobre as possibilidades de *“criar pontes entre as concepções dos agricultores e dos agrônomos, de maneira a poder estabelecer um diálogo técnico sobre a gestão do espaço entre estes dois atores do desenvolvimento rural”*.

A política nacional de assistência técnica e extensão rural orienta para, dentre outras, a adoção de novas estratégias de geração e socialização de conhecimentos e de mobilização comunitária que possibilitem a participação de agricultores e demais públicos da extensão como agentes do desenvolvimento rural sustentável (BRASIL, 2004). Neste contexto, o objetivo deste trabalho é trazer contribuição para essa nova extensão rural, abordando a relação dialógica na construção de saberes, as oficinas como espaço comunicacional e, de forma prática, apresentando algumas dinâmicas de grupo aplicadas na fase de sensibilização para a participação no processo de gestão ambiental, técnicas estas que podem ser reaplicadas em comunidades que apresentem perfil similar ao das comunidades participantes do projeto.

O contexto da elaboração e execução do projeto

Concebido a partir de experiências anteriores de trabalho na comunidade Cujubim Grande (OLIVEIRA et al, 2004) o projeto *“Comunicação e Educação para Gestão Ambiental e Transferência de Tecnologias em Comunidades Ribeirinhas do Rio Madeira”*, compreende um processo de discussão e planejamento da gestão dos recursos naturais nas comunidades de Cujubim Grande (74 famílias) e Porto Seguro (54 famílias), no entorno de Porto Velho – Rondônia, nas quais a agricultura de subsistência é a atividade responsável pelo sustento das famílias, que sobrevivem principalmente da pesca, da produção de farinha e extrativismo do açaí e babaçu.

Sob a coordenação da Embrapa Rondônia em parceria com a Emater Rondônia, as atividades do projeto foram iniciadas em setembro de 2004, com a realização do *“I Seminário de Comunicação e Educação para Gestão Ambiental e Transferência de Tecnologias em*

¹ Em Albaladejo & Veiga (2002, pág. 109 e 179), são mencionados outros artigos publicados sobre o assunto.

Comunidades Ribeirinhas do Rio Madeira", com o objetivo de firmar os compromissos dos parceiros colaboradores com as atividades previstas e ampliar a discussão sobre a proposta de abordagem interdisciplinar e interinstitucional da gestão dos recursos naturais.

Os procedimentos metodológicos que norteiam este projeto estão fundamentados num processo socioeducativo que visa promover a participação dos atores locais na gestão e utilização dos recursos naturais, utilizando-se metodologias e técnicas que articulam componentes de comunicação e educação para a gestão ambiental, planejamento participativo e construção coletiva do conhecimento. Também contempla a proposta de macroeducação do Programa de Capacitação de Educadores Ambientais da Embrapa Meio Ambiente (HAMMES, 2002).

A comunicação esta inserida nas ações do projeto como parte do processo de aprendizagem, uma vez que esta pressupõe a interação, o intercâmbio. Gutiérrez (1978, p. 33-39) considera que "processo de comunicação é essencial à educação" e que "o processo de aprendizagem é autêntico quando se efetua uma mudança naquele que aprende". Para Herz (1999) a comunicação constitui uma parte substancial do processo de fortalecimento das diversas capacidades locais, assim como da articulação dos distintos atores sociais para a construção de uma alternativa de desenvolvimento sustentável com equidade.

Parte-se do pressuposto que a implementação da gestão ambiental, entendida essencialmente como um processo de mediação de conflitos de interesses (LAYRARGUES, 2002)², demanda um espaço comunicacional que legitime a participação dos atores sociais envolvidos no processo de gestão participativa e valorize os saberes tradicionais.

A estratégia de geração de conhecimento a partir da integração do conhecimento tradicional e o conhecimento científico, bem como a promoção de oficinas participativas, pressupõe que estas sejam formas mais adequada para promover o diálogo e a concertação entre os atores sociais participantes do processo de gestão ambiental.

A oficina é uma ferramenta de gestão participativa, quando os agentes ou facilitadores externos desenvolvem uma dinâmica de aprendizagem e compromissos mútuos, de maneira que, em conjunto, realizem as ações necessárias para alcançar os objetivos propostos (RODRIGUES; SOTO, 1997). As oficinas de sensibilização tiveram por objetivo promover a mobilização da comunidade, discutir e introduzir a proposta de trabalho em grupo e, a constituição, elaboração e aprovação do regimento interno de funcionamento dos grupos comunitários de estudo.

A execução do projeto compreende três etapas: sensibilização, capacitação (estudos em grupo, cursos, excursões, etc) e, planejamento e difusão. Na etapa de sensibilização, no período de junho a dezembro de 2004, foram realizadas quatro oficinas participativas, visando a sensibilização para a participação no processo de gestão, duas em cada comunidade. As técnicas de comunicação, dinâmicas e jogos, empregadas nas referidas oficinas é o objeto de análise deste trabalho.

As comunidades e seus conflitos socioambientais

A expansão da atividade agropecuária e o crescimento populacional das comunidades rurais do entorno de Porto Velho têm provocado uma pressão sobre o uso dos recursos naturais em *Comunicação e Educação para Gestão Ambiental e Transferência de Tecnologias* em áreas de floresta e nas várzeas do Rio Madeira. Torna-se necessário desenvolver um processo

² Segundo layrargues (2002, pág. 95), a ação de transformação do meio ambiente, por ser realizada por sujeitos sociais diferentes, faz emergir a gestão ambiental entendida essencialmente como um processo de mediação de conflitos de interesses.

articulado de gestão ambiental, mediador dos conflitos socioambientais, que proporcione uma existência harmônica entre os atores sociais envolvidos na cadeia produtiva de tais atividades, tendo por princípio a participação em atividades e projetos que visem ao uso eqüitativo dos recursos naturais e o desenvolvimento de uma agricultura e piscicultura em bases sustentáveis.

As comunidades ribeirinhas foram selecionadas com base nas informações preliminares disponíveis em pré-diagnóstico e visitas in loco, onde se identificou claramente a necessidade de envolver as populações locais no processo de manejo comunitário e gestão dos recursos naturais, para fazer frente a situações de conflito socioambiental presente, notadamente com relação ao uso dos recursos água, solos e florestas.

Cujubim Grande e Porto Seguro estão localizadas, respectivamente, às margens direita e esquerda do Rio Madeira, inseridas no contexto político do Município de Porto Velho (Latitude - 8°45' 43", Longitude - 63°54' 14"), capital do Estado de Rondônia.

Cujubim Grande compreende uma área de 2.195,26 hectares, localizada à margem direita do Rio Madeira, distante cerca de 38 km da sede do município. A população está estabelecida em propriedades que variam de 15 a 50 hectares. Dentre as iniciativas locais está o ordenamento da atividade pesqueira no Lago Cujubim Grande (entre as Linhas Cujubimzinho e Estudante). Em caráter individual e em pequena escala, são desenvolvidas artesanalmente, atividades com produtos extrativistas: óleos (babaçu, copaíba), fibras (cestaria, vassouras), cerâmica, entalhes em madeira. Os conflitos existentes na área dizem respeito à questão fundiária e principalmente à utilização dos recursos pesqueiros, que ocorre de forma predatória no lago. Os estoques pesqueiros de algumas espécies, principalmente aquelas de valor comercial têm diminuído ano a ano. Este declínio está relacionado à degradação ambiental e ao esforço de pesca, resultante da proximidade com a cidade de Porto Velho, o que permite o deslocamento até ao lago dos chamados "pescadores de fim-de-semana".

A comunidade Porto Seguro localiza-se em uma área de 1.987 hectares à margem esquerda do Rio Madeira, nas imediações da Cachoeira do Teotônio, a uma distância média de 28 km da sede do Município de Porto Velho, por via terrestre e 23 km, por via fluvial. Limita-se ao N pela Floresta Estadual Rio Madeira, ao S pelo Rio Madeira, a L pelo igarapé Jatuarana, a W pelo igarapé Transval. Em 2002, o INCRA realizou um diagnóstico visando a criação do Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) Porto Seguro, um novo modelo de assentamento, oficializado em dezembro/2003. São 54 famílias que desenvolvem atividades agroextrativistas, agricultura e principalmente a pesca. Os conflitos ambientais locais dizem respeito à pesca e a preservação dos recursos pesqueiros, bem como a atividade garimpeira (OLIVEIRA, 2004).

Concepções teóricas e metodológicas

As oficinas de sensibilização tiveram por objetivo promover a mobilização da comunidade, discutir e introduzir a proposta de trabalho em grupo e a constituição, elaboração e aprovação do regimento interno de funcionamento dos Grupos Comunitários de Estudo (GCE), formado por membros da comunidade e técnicos das instituições participantes, para discutir e gerar informações sobre aspectos ambientais, operacionais, legais e socioeconômicos de suas atividades produtivas.

A dinâmica de grupo foi a técnica aplicada para promover a participação dos componentes dos GCE, efetivando a oficina como um espaço comunicacional, de construção de conhecimento de forma dialogada. A aplicação de dinâmicas em trabalho com grupos tem sua origem em concepções teóricas da psicologia social, devendo ser aplicadas de acordo com a fase em que se encontra o grupo: inicial, intermediária ou final. Na fase inicial do trabalho em grupo, as dinâmicas são classificadas como de inclusão (COSTA, 2003).

Vivência, dinâmica, técnica e jogo, são denominações de técnicas de trabalho com grupos, aplicadas ao processo de ensino-aprendizagem.

“Toda atividade que se desenvolve com um grupo, que objetiva integrar, desinibir, “quebrar o gelo”, divertir, refletir, aprender, apresentar, promover o conhecimento, incitar à aprendizagem, competir e aquecer, pode ser denominada dinâmica de grupo” (MILITÃO; MILITÃO, 2005).

Na aplicação de dinâmicas no processo de elaboração de plano de desenvolvimento em comunidade assentada, (OLIVEIRA et al., 2004, op. cit) identificaram resultados concretos da participação dos assentados, bem como, consideram que a aplicação de dinâmicas e a sistematização de seus reflexos na comunidade podem contribuir para subsidiar as ações dos profissionais responsáveis pelo acompanhamento da execução do referido plano.

Na etapa de sensibilização, em geral, foram aplicadas três dinâmicas por evento: uma inicial de integração, uma de reflexão sobre a temática principal da oficina, e uma de avaliação. Selecionamos para serem apresentadas e discutidas neste trabalho, dinâmicas que foram planejadas, adaptadas e facilitadas pelas autoras deste trabalho, em três oficinas de sensibilização, duas em Cujubim Grande e uma em Porto Seguro.

Dinâmicas de inclusão

Nos conhecendo

Contexto da aplicação da dinâmica: Foi aplicada como atividade inicial de integração em ambas as comunidades, na primeira Oficina de Sensibilização, cujo objetivo era promover a discussão inicial sobre a formação de Grupos Comunitário de Estudos para a gestão dos recursos agroflorestais e pesqueiros. Na comunidade Cujubim Grande, participaram 16 agricultores familiares e 7 técnicos da pesquisa e extensão rural. Em Porto Seguro, participaram dois técnicos, 32 agricultores adultos e 14 adolescentes/crianças.

Objetivos: Estimular a reflexão sobre si próprio e propiciar a identificação com os outros membros do grupo, ao mencionar informações sobre si mesmo que os outros, possivelmente, desconheçam.

Material utilizado: Folhas de papel tipo *flip-chart*, cavalete, pincéis hidrocor.

Procedimentos: Foi solicitado que cada participante se apresentasse respondendo as questões: “meu nome, eu sou, eu gosto”, mencionando o nome pelo qual é conhecido, no eu sou (dizer uma característica pessoal), eu gosto (partilhar uma preferência pessoal). As respostas foram anotadas em uma folha do flip-chart e serviu de base para as discussões seguintes.

Em Porto Seguro, os procedimentos que orientam a dinâmica, foram parcialmente alterados. Diante da observação ao longo do caminho, de que os lotes tinham placas de identificação, uma prática que não é muito comum em assentamento recente; decidiu-se levantar informações sobre o nome dos sítios. Assim, foi proposto que cada participante se apresentasse dizendo o seu nome, o nome do seu sítio e partilhasse uma informação sobre algo que gostasse muito.

Nos Quadros 1 e 2, estão sintetizadas todas as características pessoais mencionadas pelos participantes (Anexos).

Processamento da técnica: Em Cujubim Grande observou-se a prevalência da origem (local de nascimento) como a característica mais mencionada no “eu sou”. No processamento da

técnica, foi mencionada a importância em conhecer características do gosto pessoal dos componentes do grupo, que podem aproximá-los. Ressaltou-se também características mencionadas pelos participantes, consideradas importantes para o trabalho: gostar de trabalhar, de aprender e de sorrir.

Outra observação foi quanto a necessidade de compreender as várias perspectivas de uma afirmativa. Tomou-se por exemplo a afirmativa da facilitadora que disse ser “baixinha”. Sendo ela a mais alta no grupo, provocou risos e descrença por parte do grupo, que desconhecia que em relação aos demais membros de sua família, ela é a de estatura mais baixa. As afirmativas sobre o “amor à natureza” serviram de ponto de partida para discutir as questões ambientais.

Em Porto Seguro, na avaliação da técnica, observou-se a prevalência de sítios com nome de santos, o que denota a religiosidade dos proprietários. Quanto aos gostos pessoais, a facilitadora fez comentários à medida que eram anunciados, em geral ressaltando a importância em conhecer características do gosto pessoal dos componentes do grupo, que poderiam aproximar os membros do grupo.

Por causa da frequência em que a palavra saúde foi citada, como algo a ser alcançado, no quesito “eu gosto”, provocou-se discussão sobre qual seria o principal problema de saúde da comunidade. A malária foi a resposta unânime. A doença ocorre todos os anos, mais frequentemente na época de “baixada das águas” (abril). O atendimento médico é feito no posto de saúde da Cachoeira do Teotônio, mas, preferem ir a Porto Velho, uma vez que declararam não ter inteira confiança nos exames (teste de malária) feito no posto de saúde local.

A menção do nome de um sítio como “Arrependido”(Fig. 1), foi antecipada por risos. Posteriormente em comentário particular o proprietário explicou que o nome fora atribuído pelo morador anterior. Uma participante, que estava com um filho recém-nascido, explicou que seu sítio tinha o nome de Três Irmãos, mas na verdade já era quatro, pois o recém-nascido, não estava nos planos da família quando foi dado o nome ao sítio.



Fig.1. Sítio Arrependido, na comunidade Porto Seguro.

Qual é o meu sonho?

Contexto da aplicação da dinâmica: A dinâmica foi adaptada da proposta de Oliveira e Meireles (2004, p.43). Foi aplicada na Oficina de Monitoramento do Lago, realizada no período de 20 a 22 de outubro de 2004 na comunidade Cujubim Grande, com a participação de 23 agricultores familiares adultos e três técnicos de instituições parceiras. O objetivo da oficina foi o de promover

a discussão inicial sobre o Monitoramento do Lago e o Acordo de Pesca com os membros do Grupo Comunitário de Estudos para a Gestão dos Recursos Pesqueiros.

Objetivos: Explorar o tema da oficina e identificar as expectativas dos participantes por meio de motivação para que expressem os seus sonhos, desejos e anseios.

Material utilizado: Uma vela acesa.

Procedimentos: Cada participante, segurando a vela, fala sobre qual é o seu sonho e em seguida passa a vela para as mãos da pessoa que está ao seu lado. O facilitador deve estimulá-los a falar rapidamente, afirmando que teriam só mais um segundo de vida. Depois que todos tenham manifestado seus sonhos, o facilitador solicita que cada pessoa diga o que faria se tivesse todo o tempo do mundo para realizar o seu sonho.

Processamento da técnica: A conclusão sugerida remetia para a reflexão de que os sonhos podem ser realizados num segundo ou levar uma vida inteira, por isso, iniciou-se a reflexão, procurando estabelecer relação entre a realização dos sonhos a sua temporalidade, “podem ser realizados imediatamente ou podem demorar”, a dimensão “sonhar grande, sonhar pequeno” e à importância de estar organizados para realizá-los.

Observou-se que, predominantemente, o grupo fez menção a sonhos de caráter individual e de progressão sociocultural (ser cantor, ter alguma coisa, servir ao próximo, ser bom sempre, ser pescador, ser advogado, terminar estudos, ser veterinária). Mas, foi a partir da manifestação dos sonhos de abrangência coletiva, que se pode introduzir a discussão sobre a importância de estar organizados para obter bons resultados com o manejo comunitário.

Considerando os conflitos relacionados à pesca predatória no lago Cujubim, e a percepção manifestada pelos comunitários, de que o problema era causado por agentes externos à comunidade, discutiu-se a identificação de quem era quem no processo de manejo: “quem faz arrastão? quem são os invasores?”. O grupo chegou a conclusão que há dois tipos de “invasores”, os consentidos, aqueles que obtêm acesso ao lago em troca de um “rancho” (pacote de alimentos) ou de uma garrafa de cachaça; e os verdadeiros invasores, que acessam ao lago por dentro da mata, quebram cadeados e roubam canoas.

Ainda na temática dos conflitos presentes na comunidade, foram levantadas pelo grupo e discutidas as seguintes questões:

- a) Participação: a pequena participação dos moradores da Linha Cujubimzinho nas reuniões é atribuída ao fato de que muitos proprietários do entorno do lago moram na cidade.
- b) Consumo: a população local não consome peixe do lago, uma vez que a produção não fica na comunidade, é entregue a atravessadores, que o revendem na cidade.
- c) Valorização dos recursos naturais locais: a percepção de que falta uma consciência ecológica: “derrubam árvore de buriti para tirar o talo para fazer pipa”, declarou um participante.
- d) Legislação: parte dos participantes dizem não acreditar em trabalho de conscientização, preferindo que se intensifique a fiscalização para cumprimento da legislação.
- e) Organização social: concluem que esta, passa pela superação dos problemas de relacionamento entre as lideranças locais, que causa divisão interna no grupo.

Viagem para o futuro

Contexto da aplicação da dinâmica: A técnica foi adaptada da proposta “A viagem” (COSTA op. cit., p. 40) e foi aplicada como segunda dinâmica da I Oficina de Sensibilização de Porto Seguro.

Objetivo: Conhecer os anseios do grupo em relação ao projeto e ao futuro do assentamento.

Material utilizado: Cavalete com papel madeira, tarjetas em forma de embarcações previamente preparadas, pincel atômico, canetas hidrocor e fita adesiva. Reprodução ampliada de fotografias do rio Madeira e da Cachoeira do Teotônio, afixadas numa folha de papel no cavalete (Fig. 2)



Fig. 2. Cavalete com as tarjetas utilizadas na dinâmica

Procedimentos: Iniciou-se com um anúncio de que todos os participantes ganhariam um barco, para fazer uma viagem imaginária, uma “viagem para o futuro”. Foi solicitado que dessem um nome para o barco e que escrevessem uma palavra ou frase, sintetizando para onde, ou por que canal (caminho), o barco iria navegar e o que o barco iria buscar alcançar.

Antes de distribuir as tarjetas, a facilitadora orientou que se houvesse alguém com dificuldade em escrever que solicitasse ajuda, ou que se preferisse poderia falar sobre seu barco. Apenas duas pessoas, um homem e uma mulher disseram, não ter estudado nada e foram auxiliados pelas crianças presentes na reunião.



Fig. 3. As crianças participaram ajudando os adultos a escrever nas tarjetas.

Processamento e avaliação da técnica: Esta foi uma dinâmica que proporcionou aprendizados para a equipe técnica, uma vez que se registrou algumas falhas no processo de comunicação.

Observou-se que as imagens utilizadas provocaram uma reação positiva, com comentários e identificação da pessoa que aparece na fotografia. Entretanto, as expectativas apresentadas

foram em sua maioria de caráter pessoal, não correspondendo ao objetivo de identificar as expectativas em relação ao projeto e a atividade produtiva no futuro da comunidade, o que demonstra que não houve um claro entendimento da proposta. Para corrigir o problema, no processamento, se provocou a discussão sobre o assunto.

Outra falha ocorreu na introdução da dinâmica, quando a facilitadora, na intenção de saber quantos participantes possuíam algum tipo de embarcação, formulou a pergunta da seguinte forma: “- quem possui barco?”. Apenas quatro pessoas responderam positivamente. Ao levantar a questão: - se não têm barco, como pescam?, foi esclarecido que não possuíam barco, mas sim canoa ou “rabeta” (embarcação tipo lancha voadeira ou mesmo canoa, mas adaptada com motor estacionário). A partir dessa discussão ficou compreendido, que quando falam de barco, estão se referindo às grandes embarcações que fazem transporte de passageiro.

Consideramos que a técnica é adequada, mas deve ser replanejada a orientação dos procedimentos, de modo que os participantes exercitem realmente a viagem imaginária, tendo o barco representado o projeto, e a adesão ao projeto, significando o embarcar, “estar no mesmo barco” em busca do desenvolvimento pessoal e coletivo. As expectativas apresentadas foram sistematizadas em três categorias: bem-estar e lazer, infra-estrutura, e produção e comercialização Quadro 3 (Anexo).

Considerações finais

A organização de grupos comunitários de estudo é uma proposta metodológica em construção, que se baseia num processo construtivista de geração e interação dos conhecimentos tradicional e científico. Neste contexto, busca-se, pois, a partir de estudos da realidade local, desenvolver atividades de comunicação para a transferência de tecnologias e de educação para gestão ambiental em conjunto com produtores rurais ribeirinhos, afim de que possam, em última instância, obter novas alternativas de rendas e amenizar o impacto, sobretudo aos recursos pesqueiros e florestais.

A estratégia de geração de conhecimento a partir dessa interação, mostrou-se adequada por promover a aproximação entre a equipe técnica e os agricultores familiares beneficiários. As oficinas de sensibilização confirmaram-se como um espaço comunicacional de troca de informações e de aprendizagem para os membros dos grupos, proporcionando aos comunitários e técnicos um espaço de reflexão, comunicação e síntese que lhes permitiu gerar informações sobre a realidade local, de forma rápida e participativa. Notadamente quanto aos conflitos no Lago Cujubim, e as questões relacionadas à saúde em Porto Seguro.

A geração de informações sobre a realidade local, num processo participativo, desafia os atores do desenvolvimento rural, especialmente os profissionais da comunicação e disciplinas afins, que atuam como extensionistas rurais, a buscar formas de estabelecer uma relação dialógica com os atores sociais locais, para sensibilizá-los e motivá-los a participar do processo de gestão. Esta é uma necessidade que se insere no âmbito da demanda pela “construção de novas identidades profissionais por parte dos atores do desenvolvimento rural” (ALBALADEJO et al, 2005).

Em relação a atuação desses profissionais, como facilitadores deste processo, revela-se um campo amplo para que sejam criadas, ou adaptadas, dinâmicas de grupo, sempre com o objetivo de torná-las mais adequadas ao tema da oficina e à realidade local. Como exemplo, em outra dinâmica aplicada nas comunidades ribeirinhas, foi utilizado o nome de peixes nos papéis distribuídos aos participantes, em substituição ao nome de aves. No caso, o tubarão, substituiu o urubu, como símbolo de um animal voraz.

Por fim, espera-se aprimorar a metodologia, sistematizando métodos e procedimentos que possam ser empregados em outras comunidades, contribuindo para promover a inserção de princípios da Educação Ambiental no processo de Pesquisa e Transferência de Tecnologia, em comunidades ribeirinhas.

Referências bibliográficas

AMARAL, J.; CALDAS, F. L. (Org.) **Pesquisa na Amazônia: intervenção para o desenvolvimento**. Porto Velho: Edufro, 2000. Vol. 2, 240 p.

ALBALADEJO, C. O diálogo para uma interação entre os saberes dos agricultores e os saberes dos técnicos: uma utopia necessária. In: HÉBETTE, J.; SILVA, N. R. da. (Ed.). **CAT: ano décimo**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2000. p. 173-214.

ALBALADEJO, C.; VEIGA, I. (Org.) **Agricultura familiar: pesquisa, formação e desenvolvimento**. Belém: UFPA/CA/NEAF, 2002. v. 1.

ALBALADEJO, C.; SIMÕES, A.; VEIGA, I.; BARÉ, J.-F. Novas competências para os atores do desenvolvimento rural na Amazônia. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 307-318, maio/ago. 2005

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário, Secretaria de Agricultura Familiar, Grupo de Trabalho Ater. **Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural: versão final: 25/05/2004**. Disponível em: <<http://www.pronaf.gov.br/ater/Docs/pnater.doc>>. Acesso em: 12 nov. 2005.

CHAGAS, M. A. (Org.) **Sustentabilidade e gestão Ambiental no Amapá: Saberes Tucujus**. Macapá: SEMA, 2002.

COSTA, E. P. **Técnicas de dinâmica: facilitando o trabalho com grupos**. 2. ed. Rio de Janeiro: WAK, 2003.

DIEGUES, A. C. (Org.) **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: Hucitec, 2000.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992. 93 p. (Coleção O Mundo Hoje, 24).

GUTIERREZ, F. **Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação**. São Paulo: Summus, 1978.

HAMMES, V. S. (Ed.) **Proposta metodológica de macroeducação**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2002. 159 p. (Embrapa Informação Tecnológica. Educação Ambiental para o Desenvolvimento Sustentável, 2).

HERZ, C. Por uma comunicación participativa. **Revista Bosques, Arboles y Comunidades Rurales**, n. 30-31, p.23-28, mayo 1999.

LAYRARGUES, P. P. Educação para a Gestão ambiental: a cidadania no enfrentamento político dos conflitos socioambientais. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAVRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. de. (Org.). **Sociedade e Meio ambiente: a educação ambiental em debate**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MILITÃO, A.; MILITÃO, R. **Jogos, dinâmicas e vivências grupais**: como desenvolver sua melhor "técnica" em atividades grupais. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000. 248p. 7. .reimp.

NAHUM, V. J. I. A pesca no Médio Amazonas. Brasília: IBAMA, 2000. p. 317-348. (Ibama Coleção Meio Ambiente Série Estudos Pesca, 22).

OLIVEIRA, I.; MEIRELES, M. **Oficinas e dinâmicas**: técnicas para trabalho em grupo. São Paulo: Paulinas, 2004. (Coleção encanto jovem).

OLIVEIRA, V. B. V. de; RODRIGUES, V. G. de S.; MEDEIROS, I. M. de.; MONTEIRO, R.P.; FERNANDES, S. R.; LIMA, J. I. S. de. **Dinâmicas de grupo no planejamento participativo para o desenvolvimento sustentável do Assentamento Asa do Avião, Machadinho do Oeste-Rondônia**. Porto Velho: Embrapa Rondônia, 2002. 18 p. (Embrapa Rondônia. Documentos, 65).

OLIVEIRA, V. B. V. de; LOCATELLI, M.; LEÔNIDAS, F. das C.; PEREIRA, R. G. de A.; ROSA NETO, C.; HOLANDA FILHO, Z. F.; GONZAGA, D. S. de O. M.; MEDEIROS, I. M. de; LIMA, J. I. S. de **Agricultura familiar e planejamento participativo para o desenvolvimento sustentável do Assentamento Nilson Campos, Jacy-Paraná, Porto Velho-RO**. Porto Velho: Embrapa Rondônia, 2004. (Embrapa Rodondônia. Documentos, 87).

OLIVEIRA, V. B. V. **Comunicação e educação para gestão ambiental e transferência de tecnologias em comunidades ribeirinhas do rio Madeira**. Porto Velho: Embrapa Rondônia, 2004.

OLIVEIRA, V. B. V.; RODRIGUES, V. G. de S.; SILVA, R. P. Pesquisa e extensão integrando ações em prol do desenvolvimento sustentável e integrado de agricultura e pesca em comunidades do rio Madeira. In: SEMINÁRIO DE GESTÃO AMBIENTAL DA AQUICULTURA E PESCA, 1., 2004, Cabo Frio. **Anais...** Cabo Frio/RJ, 2004.

PEREIRA, H. dos S.; PINTO, J. R. da S. **Etnoconservação da fauna aquática no Médio Amazonas**: situação atual e perspectivas. Disponível em: <<http://www.nerua.inpa.gov.br/nerua/15.htm>> Acesso em: 12 mar.2003.

PROJETOS Napra. Disponível em: <<http://www.napra.org.br>> . Acesso em: 10 maio 2005.

RODRÍGUEZ, S.; SOTO, M. A. C. **El taller participativo**: una herramienta para hacer vida la convención de la diversidad Biológica. Heredia: EUNA, 1997. (Série de Cuadernos Didácticos CAMBIOS, n.1).

Anexos

Quadro 1. Características mencionadas pelos participantes da I Oficina de sensibilização em Cujubim Grande.

Participantes*	Eu sou	Eu gosto de
1. F	Cearense	Sorrir
2. M	Rondoniense	Campo
3. M	Gaúcho	Sorrir
4. M	Professor	Aprender
5. M	Trabalhador da terra	Manejar a terra e a água
6. F	De Belém	Dormir
7. M	Maranhense	Transparência e honestidade
8. F	Amazonense	Ajudar
9. M	Funcionário público	Sinceridade
10. M	Acreano	Trabalhar
11. M	Estudante	Criar passarinhos
12. M	Sincero e positivo	Cantar e servir
13. F	Cristã	Ler/amar a Deus
14. M	Paranaense	Estar acompanhado
15. M	Paraense	Açaí
16. M	Rondoniense	Cantar
17. M	Amazonas	Preservar a natureza
18. M	Goiano	Arroz c/piqui
19. F	Baixinha	Açaí

* F-feminino, M-masculino.

Quadro 2 . Características mencionadas pelos participantes da comunidade Porto Seguro.

Nome	Eu moro (nome do sítio)	Eu gosto de
1. Luiz	Família Lima	Banana
2. Francisco	Arco-íris. No. 30	Açaí
3. Emiliana	Bom Jesus	Paz e Amor
4. Marinete	São Raimundo	Trabalhar
5. Pedro	São Pedro. No.01	Tudo o que é bom
6. José	Barro Caído	Saúde
7. Edivan	Dois Irmãos	Saúde
8. Pedro 2	Nova Esperança. Lt 32	Amigos
9. Esterlito	Boa Vista	Viajar
10. Herculano	Santa Fé	Maça
11. Lacerda	Três Corações	Paz
12. Manuel Santarém	São Francisco .Lote 03	Trabalhar
13. José Maria	Mendes	Esportes
14. José Neves	São José	Saúde
15. Lúcia	Alto Paraíso	Trabalhar
16. José Cláudio	Arrependido	Trabalho
17. Fernando	Fantasia	Honestidade
18. Lucivaldo	São Mateus	Dinheiro
19. Elisângela	São Mateus	Uva
20. Márcia	Mendes	Açaí
21. Evandro	Santo Antonio	Trabalhar
22. Brandão	Jéssica	Tranqüilidade
23. Francisco	Castanheira	Trabalhar
24. Leonardo	Santa Paula	Tranqüilidade
25. José Carlos	Alto Paraíso	Saúde
26. Sandra	Arrependido	Melancia
27. Valdenira	Três irmãos	Paz
28. Marli	Arco-Iris	Melancia
29. Luiz Paulo	Ouro Preto	Vida
30. Raimundo Nonato	Quatro Irmãos	Saúde
31. Genésio	Sem nome	Dinheiro e mulher
32. Aldeir	Gado que não berra	Cachaça

* F-feminino, M-masculino.

Quadro 3. Expectativas expressas na dinâmica “viagem imaginária”.

Participantes	Nome do Barco	Expectativa de futuro
1. M	Lulu	Felicidade
2. M	Arco-íris	Saúde
3. F	Bom Jesus	Passear em Manaus
4. F	Mary	Vender produtos em PVH.
5. M	Sol da Manhã	Barco-hospital
6. M	Deus por nós	Viajar ao mar, pegar onda.
7. M	Estrela Dalva	Criar peixe
8. M	Ana Maria	Fazer turismo
9. M	Cheila	Comprar produtos em PVH
10. M	Primavera	Saúde
11. M	Três Corações	Solidariedade
12. M	São Francisco	Fazer farinha
13. M	Alegria	Energia elétrica
14. M	Príncipe das Águas	Sem rumo, nas ondas das águas
15. M	Azulão	PAZ
16. M	Viagem para o futuro	Saúde,Paz e Trabalho
17. M	Vida Nova	Tocar o sítio
18. M	Piranha	Formar o sítio
19. F	Nova Esperança	Ir onde for preciso
20. F	Dois de julho	Visitar familiares
21. M	Santo Antonio	Servir a comunidade
22. M	Titanike	Paz
23. M	Marrokos	Preservação
24. M	Santa Paula	Saúde e felicidade
25. M	São Pedro	Saúde –prosperidade
26. F	Paz	Saúde,Paz e Trabalho
27. F	Três irmãos	Paz
28. M	Bem vindo	Felicidade
29. M	São Francisco	Saúde
30. M	LDU	Até o infinito de rio abaixo
31. F	Rio Madeira	Sorte
32. F (criança)	Fernanda	Peixe

* F-feminino, M-masculino.

Embrapa

Rondônia

Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

